

MORTE E LUTO: PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DOS CURSOS DE ENFERMAGEM E PSICOLOGIA¹

Mariana Alievi Mari², Gabriela Ruas Sabino³

¹ Pesquisa de conclusão do curso de graduação em Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/Campus Erechim.

² Professora orientador, psicóloga, Dra. em Ciências da Saúde, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Erechim, E-mail: marianamari@uricer.edu.br, Erechim, RS, Brasil.

³ Psicóloga pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões Campus de Erechim, E-mail: ruasgabriela@yahoo.com.br, Erechim, RS, Brasil.

RESUMO

Introdução: A morte e o luto são acontecimentos que todos os seres humanos estão fadados a vivenciar. Assuntos, estes, que são pouco discutidos nos espaços de formação acadêmica. **Objetivo:** Explorar e descrever a percepção de acadêmicos dos cursos de Psicologia e Enfermagem, de uma Universidade do norte do Rio Grande do Sul a respeito dos temas morte e luto. A pesquisa seguiu o delineamento qualitativo, quantitativo, exploratório e descritivo de corte transversal com um total de 82 acadêmicos. **Resultados:** Os resultados apontaram que os acadêmicos sofrem diante da morte e do luto, e que sentimentos como tristeza e medo estão presentes quando refletem sobre os temas. O estudo revelou a falta de espaços de formação acadêmica para se discutir sobre a temática. **Conclusão:** Apesar dos acadêmicos se interessarem e possuírem uma percepção acerca dos temas morte e luto, os mesmos ainda se sentem despreparados profissionalmente para enfrentar estas situações.

Palavras-chave: Ciclo Vital; Crenças Religiosas; Capacitação profissional; Emoções.

INTRODUÇÃO

A morte pode receber inúmeras nomenclaturas, dentre elas encontra-se termos como óbito, passamento, falecimento ou desencarne. Todas as terminologias têm como objetivo definir a morte como a interrupção definitiva da vida (ESCUDEIRO, 2015). O que define o termo utilizado é o modo com que a sociedade lida com a morte, por este motivo no decorrer do processo sócio-histórico a forma como as pessoas tratam a morte, bem como a sua temática, demonstram o lugar que o homem se encontra frente às questões de morte e morrer (LIMA 2019).

Muitas vezes a dificuldade de pensar sobre a morte gera angústia e medo e a melhor forma encontrada para lidar com essa angústia e sofrimento é negando a possibilidade da finitude,

essa negação, de acordo com Kovács (2016) extrapola o âmbito individual alcançando também o espaço coletivo ou social. É neste processo de negação, ocultação e institucionalização da finitude, que os processos de luto acabam tornando-se complicados, onde os enlutados não podem expressar seus sentimentos (LIMA, 2019).

O luto nada mais é do que um processo que advém após um vínculo significativo ter sido rompido (ARANTES, 2019). A forma como cada ser humano irá vivenciar a dor de uma perda é singular e individual (ESCUDEIRO, 2015). Bowlby (1989), um dos autores mais reconhecidos sobre o tema, corrobora com a ideia de que o luto é uma resposta usual diante de uma perda.

A dificuldade de pensar e lidar com a morte e o luto parece estar relacionada a todas as pessoas, inclusive aos profissionais e estudantes da área da saúde que se deparam de forma mais direta com estes fenômenos, devido as características do seu trabalho. Os autores Oliveira *et al.* (2016) apontam algumas debilidades encontradas nos profissionais da área de saúde a respeito de como comportar-se diante da morte, tais como ansiedade, estresse e angústia, mesmo estando expostos constantemente a esta realidade. Estes profissionais acabam por ficar à mercê de um sofrimento psicológico, e, em alguns casos, passam a necessitar de um espaço que os permitam falar abertamente sobre o assunto e os sentimentos que lhe foram suscitados diante da perda (KOVÁCS, 2010).

A literatura aponta para uma formação acadêmica deficitária quando o assunto é colocado em pauta, até mesmo nos cursos da área da saúde que proporcionam o contato constante do profissional diante da morte do paciente ou a possibilidade da mesma. Assim, os profissionais afirmam que obtém-se um conhecimento tecnicista frente à morte, porém não se sentem preparados para falar sobre o assunto para a família do paciente que acaba de perder um ente querido, ou tão pouco como lidar com seus próprios sentimentos frente ao ocorrido, sendo necessário buscar novos conhecimentos através de cursos e especializações fora ao espaço acadêmico (BRAZ; FRANCO, 2017).

Frente esta realidade, o presente estudo teve como objetivo identificar a percepção que estudantes dos cursos de Enfermagem e Psicologia possuem a respeito da morte e do luto.

METODOLOGIA

A pesquisa seguiu o delineamento misto, exploratório e descritivo de corte transversal. Participou deste estudo um total de 82 acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Psicologia de uma universidade do norte do estado do Rio Grande do Sul em dois campus diferentes.

Considerou-se como critério de inclusão alunos matriculados a partir do 5º semestre de um dos cursos mencionados, tendo realizado no mínimo um estágio curricular. Foram excluídos alunos

que realizaram transferência de curso ou universidade no ano da pesquisa.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário online, anônimo e semiestruturado, desenvolvido na ferramenta do *Google Forms*, especialmente para esta pesquisa, norteado por 26 perguntas. Sendo dezenove questões de múltipla escolha e sete questões descritivas.

As questões contemplaram aspectos como: dados sociodemográficos; a compreensão dos participantes a respeito dos temas morte e luto; reflexão sobre a discussão a respeito destes temas; interesse em compreender melhor os temas morte e luto; a presença dos temas morte e luto na formação acadêmica; e a preparação ao enfrentamento desta situação na vida acadêmica e profissional.

O procedimento de coleta de dados ocorreu entre os meses de março a abril de 2020 a partir do questionário online descrito acima. O questionário foi disponibilizado para os coordenadores dos cursos de Enfermagem e Psicologia participantes, e os mesmos encaminharam via e-mail e redes sociais para as turmas e alunos que se encaixavam nos critérios de inclusão. A aluna pesquisadora também se utilizou desses meios para o recrutamento dos participantes, divulgação do estudo e sua importância.

Antes de responder as questões, todos os participantes foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), encontrado no cabeçalho do questionário. A presente pesquisa atendeu aos pressupostos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que regulamenta as pesquisas com seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética da URI-Câmpus de Erechim, pelo parecer nº 3.798.094.

A análise dos dados seguiu um estudo misto que tem como pressuposto combinar dados quantitativos e qualitativos na coleta e interpretação de dados (CRESWELL,2010). Para os dados qualitativos utilizou-se a análise temática, que segundo Braun e Clarke (2006), é independente a teoria e serve para identificar, analisar e relatar o tema proposto de forma detalhada.

Sendo assim a análise seguiu os seguintes passos: 1) Familiarizando-se com os dados; 2) Gerar códigos Iniciais; 3) Buscando temas; 4) Revisando os temas; 5) Definindo e nomeando temas e 6) Produzindo o relatório (BRAUN; CLARKE, 2006). Os dados quantitativos foram analisados a partir da estatística descritiva, utilizando-se de porcentagem e frequência como formas de medida, a fim de quantificar a amplitude das respostas. Os excertos da pesquisa estão identificados pelas siglas E e P, de acordo com as iniciais do curso (Enfermagem – Psicologia) a qual o acadêmico pertence, os números subsequentes estão de acordo com a ordem da resposta referente ao respectivo curso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total de 82 acadêmicos que participaram da pesquisa, 48 eram alunos do curso de Psicologia e 34 do curso de Enfermagem. Os dados sociodemográficos mostram sua homogeneidade conforme podemos observar na Tabela 1. Porém as variáveis estado civil, sexo e semestre apresentaram variações. Demonstrando que os participantes foram majoritariamente solteiros (86,6%, n= 71), sendo 82,9% (n= 68) do sexo feminino e 50% (n= 41) alunos do sétimo semestre de seu respectivo curso.

Quanto ao quesito práticas religiosas 76,8% (n= 63) dos participantes informaram que tem alguma prática religiosa, enquanto 23,2% (n= 19) informou não possuir tal prática.

Tabela 1 - Descrição dos dados Sócio demográficos por curso N=82

Variáveis	Enfermagem	Psicologia
	f (%)	f (%)
Estado Civil		
Solteiro	30 (88,2%)	41(85,4%)
Casado	4 (11,8%)	7 (14,6%)
Sexo		
Feminino	27 (79,4%)	41(85,4%)
Masculino	7 (20,6%)	7 (14,6%)
Semestre		
5°	9 (26,5%)	7 (14,6%)
7°	17 (50 %)	24 (50%)
9°	8 (23,5%)	17 (35,4%)
Campus		
Erechim	13 (38,2%)	36 (75%)
Frederico Westphalen	21 (61,8%)	12 (25%)
Práticas Religio.		
Sim	31 (91,2%)	32 (66,7%)
Não	3 (8,8%)	16 (33,3%)
Freq. Prática Religio.		
Diária	15 (44,1%)	14 (29,1%)
Semanal	6 (17,7%)	10 (20,8%)
Quinzenal	2 (5,9%)	4 (8,3%)
Mensal	8 (23,5%)	3 (6,3%)
Anual	1 (2,9%)	3 (6,3%)
Nenhum	2 (5,9%)	14 (29,2%)
Total	34 (100%)	48 (100%)

Fonte: elaborado pelas autoras, 2020.

A Tabela 2 apresenta dados a respeito das questões relacionadas a morte e de como os participantes se relacionam com este tema.

Tabela 2 - Levantamento a respeito de como os participantes lidam com o tema Morte (n= 82)

Variáveis	Enfermagem	Psicologia
	f (%)	f (%)
Já pensou sobre sua morte		
Sim	32 (94,1%)	42 (87,5%)
Não	2 (5,9%)	6 (12,5%)
Tem medo da sua morte		
Sim	18 (52,9%)	33 (68,8%)
Não	16 (47,1%)	15 (31,2%)
Medo está relacionado a		
A forma como será	11 (32,4%)	23 (47,9%)
O que acontece após a morte	5 (14,7%)	9 (18,8%)
Outros	5 (14,7%)	4 (8,3%)
Missing	13 (38,2%)	12 (25%)
Conversa com terceiros sobre o tema		
Sim	21 (61,8%)	30 (62,5%)
Não	9 (26,4%)	12 (25%)
Nunca tive oportunidade	4 (11,8%)	2 (4,2%)
Não tenho interesse	-	4 (8,3%)
Tem Interesse pelo assunto		
Sim	26 (76,5%)	39 (81,2%)
Não	8 (23,5%)	9 (18,3%)
Total	34 (100%)	48 (100%)

Fonte: elaborado pelas autoras, 2020.

Com relação a variável “Já pensou a respeito de sua morte?” 90,2% (n= 74) do total de participantes, relataram já ter pensado em sua morte e 9,8% (n= 8) não pensou nisso. Este fato pode estar relacionado ao contexto social de pandemia, já que o início da coleta de dados coincidiu com a implantação das medidas de isolamento e este assunto tomou uma proporção cada vez maior em contexto mundial. De acordo com Vaz (2020), a pandemia ocasionada pelo novo corona vírus, trouxe à consciência da humanidade a condição de ser finito, ou seja, aproximou o sujeito da possibilidade de morrer, que até então era negligenciada pela maioria.

Outro dado que pode ter sido afetado pelo contexto social, diz respeito ao falar com terceiros sobre o tema da morte, já que este dado demonstra que a maioria dos alunos dos cursos (62,2%, n= 51) já falou sobre a morte com alguém. Na literatura pode-se verificar que falar sobre este tema é um tabu, fazendo com que o homem negue a existência deste fenômeno.

Escudeiro (2015) afirma que não se tem o costume de falar sobre o tema em rodas de conversas com amigos ou em espaços públicos. Arantes (2019) corrobora com esta afirmativa, ao descrever uma pesquisa realizada pelo Studio Ideia solicitada pelo Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP) no ano de 2018, aonde 74% dos pesquisados afirmaram não falar sobre a morte no seu dia a dia.

Porém a presente pesquisa apresentou dados que contrapõem os autores citados acima. Para Wahl-Jorgensen (2020), professor de jornalismo, a mídia ocupa um papel importante nos assuntos que são compartilhados pelos indivíduos, principalmente quando se trata de questões de crise e desastre. O autor afirma que o sentimento de medo causado pela pandemia é contagioso, o qual associado a alta cobertura midiática torna-se pauta de debates públicos, o que pode ter influenciado de forma significativa os resultados do estudo.

No que diz respeito ao item “tem medo da sua morte” 62,2% (n= 51) do total de alunos, responderam positivamente a esta variável. De acordo com a literatura este é um mal temido pela humanidade (BRASILEIRO E BRASILEIRO, 2017). O homem sempre temeu a morte, e do ponto de vista psiquiátrico isso se explica pelo fato de ser inconcebível ao inconsciente a ideia da nossa própria morte (KÜBLER- ROSS, 2017).

Dentre os acadêmicos pesquisados, 41,5% (n=34) responderam que o medo da morte está associado a forma como esta ocorrerá. Segundo Kübler-Ross (2017), a morte inconscientemente está associada a algo ruim, nunca a uma morte natural, mas sempre a uma morte causada, tornando-se um castigo que leva ao medo de morrer.

Quanto à formação acadêmica, pode-se observar na Tabela 3, uma diferença maior entre as respostas apontadas pelos acadêmicos do curso de Psicologia e de Enfermagem.

Tabela 3 - Dados sobre formação acadêmica e experiências relacionadas ao tema morte e luto

Variáveis	Enfermagem f (%)	Psicologia f (%)
Realização de algum curso sobre o tema		
Sim	10 (29,41)	13 (27,1%)
Não	24 (70,6%)	35 (72,9%)
Teve contato com algum paciente que morreu durante a formação		
Sim	20 (58,8%)	3 (6,3%)
Não	14 (41,2%)	45 (93,7%)
Já pensou em como falar sobre o tema para alguém que está morrendo		
Sim	17 (50%)	18 (37,5%)
Não	10 (29,4%)	14 (29,2%)
Nunca pensei	7 (20,6%)	16 (33,3%)
Já pensou em como portar-se frente a morte de um paciente		
Sim	27(79,4%)	16 (33,3%)
Não	5 (14,7%)	15 (31,3%)
Nunca pensei	2 (5,9%)	17 (35,4%)
Sente-se apto profissionalmente frente ao acontecimento		
Sim	22 (64,7%)	15 (31,3%)
Não	10 (29,4%)	27 (56,2%)
Nunca pensei	2 (5,9%)	6 (12,5%)
Total	34 (100%)	48 (100%)

Fonte: elaborado pelas autoras, 2020.

Enquanto 70,8% (n=34) dos participantes do curso de Psicologia informaram não ou nunca terem pensado em como se portar frente a morte de um paciente sob seus cuidados, apenas 20,6% (n=7) dos acadêmicos do curso de Enfermagem relataram o mesmo. Esta diferença pode estar relacionada ao fato de que o curso de Enfermagem, desde o seu início, apresenta linguagem voltada para o cuidado do paciente enfermo havendo assim uma maior consciência sobre as intercorrências que podem acontecer com o paciente, até mesmo a morte.

Segundo Oliveira *et al.* (2016), no contexto da Enfermagem, a morte passa a ser vivenciada como sendo algo natural, por consequência da rotina da profissão. Apesar disso, estudos apresentam uma falha nos currículos acadêmicos, os quais estão focados em aspectos científicos e em como tratar o cadáver (LÔBO E ANGHEBEM, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Geralmente estes acadêmicos não são estimulados ou preparados para a reflexão sobre o processo da morte e do morrer (LÔBO E ANGHEBEM, 2014). A criação de uma disciplina ou um espaço que permita a reflexão sobre a temática e que aborde vários aspectos relacionados a mesma, seria de grande valia para uma melhor preparação dos discentes quanto ao evento (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Na presente pesquisa 35,3% (n= 12) dos acadêmicos do curso de Enfermagem informaram não se sentirem aptos profissionalmente ou nunca terem pensado em como se portar frente a morte ou luto, corroborando com a citação acima.

Já na formação de Psicologia, o assunto morte só será tratado em disciplinas específicas, como psicologia hospitalar, mais concentradas no final do curso. Este acontecimento reflete nos dados obtidos nesta pesquisa, onde 68,7% (n=33) dos acadêmicos de Psicologia informaram nunca terem pensado ou não se sentirem aptos profissionalmente para se portar frente à morte ou ao luto. Estes dados reforçam a necessidade de uma reformulação nos currículos de Psicologia no que diz respeito à implementação de maiores discussões diante a temática, com o intuito de preparar mais os futuros profissionais (CARNICHEL E CASARIN, 2018; SANTOS E FENSTERSEIFER, 2016).

Estes dados refletem a escassez da abordagem do tema na graduação em ambos os cursos, os quais repercutem na preparação destes profissionais frente ao acontecimento e que coube uma melhor explicação nos temas propostos na análise temática. A partir da Análise Temática foram delineados cinco temas, conforme a Tabela 4 apresenta.

Tabela 4 - Temas da Análise Temática

Temas	
Primeiro	Conceitos apontados pelos acadêmicos quanto ao tema morte e luto
Segundo	Crenças como elemento interventor
Terceiro	Sentimentos elucidados pelos temas
Quarto	Papel da formação acadêmica no preparo profissional
Quinto	Sentir-se preparado frente a morte

Fonte: elaborado pelas autoras, 2020.

No primeiro tema “Conceitos apontados pelos acadêmicos quanto ao tema morte e luto” é possível compreender a percepção dos acadêmicos a respeito deste assunto. Conforme podemos observar nos trechos literais descritos abaixo, houve a predominância dos conceitos de finitude e ciclo natural referindo-se à morte.

“É a interrupção da vida de um organismo vivo, fim da vida humana” (E 16).

“Finitude da vida, término de um ciclo” (E 19).

“É a ausência de vida, finitude de uma vida terrena, sono muito profundo”

(P 8).

Na compreensão destes acadêmicos, a morte é um processo natural, o desfecho de um ciclo, o fim da vida. Estas afirmações indicam o lugar ao qual os acadêmicos se encontram diante da morte, de acordo com a sua história de vida individual, crenças e culturas (LIMA, 2019). Segundo Bifulco e Caponero (2016), morte é um dos conceitos que mais sofreu alterações durante a história da existência humana.

Para Benedetti *et al.* (2013), a definição apontada pelos acadêmicos está voltada para uma concepção racional frente ao evento da morte, a qual pode ter dois sentidos. O primeiro diz respeito à compreensão da morte como sendo algo natural da vida, o que de fato é. O segundo sentido refere-se à concepção de que a morte ocorre na velhice, de forma natural e com pessoas as quais o sujeito não possui nenhum vínculo afetivo (BENEDETTI *et al.*, 2013). Quando ocorre a percepção de que a morte está relacionada a alguém próximo, esta teoria pode receber outro significado, o qual está relacionado a sentimentos de perdas e dores (BENEDETTI *et al.*, 2013), que será abordado no terceiro tema identificado nesta pesquisa.

No que diz respeito a concepção dos participantes frente ao tema do luto, ainda relacionado ao Tema 1, apareceram definições como: processo, período e fases, como é possível verificar nos excertos abaixo. De fato, a literatura aponta este acontecimento como sendo um processo que ocorre em situações de perdas significativas na vida de um ser humano, e da dor a ela associada (MANNIX, 2019). “Tecnicamente falando, luto é o processo que sucede o rompimento de um vínculo significativo” (ARANTES, p. 178, 2019).

"Luto é um processo que acontece após a morte de alguém próximo, o qual passa por diversas fases" (P 9).

"Processo de sofrimento e elaboração da perda de algo que importa para a gente" (P 26).

"Luto é um determinado período enfrentado após a morte de um ente querido, ou até mesmo de um animal de estimação. O luto pode ser apresentado de várias formas e determinado período de tempo, permeando de meses a até anos para processar toda esta situação. Memórias, lembranças, sentimentos, angústia, saudades, tristeza são alguns dos fatores desencadeantes do processo de luto" (E 3).

Para Basso e Wainer (2011), este é um processo inevitável de elaboração de uma perda, ou seja, todas as pessoas que perdem um ente querido tendem a passar por este processo. A forma como cada pessoa lida com a morte e o luto, está atrelada aos seus valores particulares

e individuais (BRAZ E FRANCO, 2017).

Quando o indivíduo se depara com uma perda significativa, ele fica exposto a uma gama de sentimentos e mudanças (BASSO E WAINER, 2011). Estas mudanças podem causar sentimentos de solidão e angústia, os quais precisam ser expostos pelo sujeito sem que ocorram julgamentos, a fim de que este consiga elaborá-los para se readaptar a esta nova realidade com a falta do objeto perdido (PEREIRA E PIREZ, 2018).

Segundo Mannix (2019), esse é um período de transição, no qual o indivíduo passa a observar o mundo de forma diferente, e com o passar do tempo, acaba percebendo que é capaz de funcionar bem novamente. No excerto do acadêmico P 47 fica clara esta noção de luto onde ele descreve: *“O estado de compreensão dos sentimentos da perda, o que sentimos, o que vivemos em função disso, uma resignificação das memórias e o processo de se permitir essa resignificação” (P 47).*

Ressalta-se que no contexto atual de pandemia frente ao Covid-19, o processo de luto tem sofrido inúmeras intercorrências, fato este que pode dificultar o processo (CREPALDI *et al.*, 2020). Isso ocorre pelo desenfreado número de casos de pessoas infectadas, mortes em massa e as mudanças nos rituais de despedida, que impedem o contato da família com o doente e não permite a troca das últimas palavras de despedida, fator importante para o processo de elaboração do luto (CREPALDI *et al.*, 2020).

O segundo tema “Crenças como elemento interventor” descreve a relação da situação de morte aos fatores religiosos. A presença deste tema configura-se e se autoexplica pelo fato da maioria (76,8%) dos participantes afirmarem possuir alguma prática religiosa em sua rotina.

“Para mim, morte é deixar de existir no plano carnal e começar a viver no plano espiritual” (E 7).

“Morte é quando uma certa pessoa morre e passa a morar com Deus” (E 20).

“Para mim a morte não é o fim. Acredito que haja vida pós a morte” (P16).

De acordo com Silva *et al.* (2012), o homem sempre buscou explicações na religião para assuntos considerados misteriosos, e a morte é um assunto que se enquadra neste quesito. Assim, compreende-se a presença de ideias e concepções religiosas na sociedade como um todo, e o papel que esta desempenha na relação atribuída pelo indivíduo a forma de enfrentar as dificuldades advindas do viver.

Diversos autores corroboram que a crença em um Deus ou na vida após a morte são favoráveis para que o indivíduo aceite a morte como sendo algo natural da vida (BENEDETTI, 2013; CARNICHEL E CASARIN, 2018; SILVA *et al.*, 2012). Baseando-se na literatura, vale ressaltar que independente da religião (ou crença) esta desempenha um papel importantíssimo na vida dos seres humanos, a partir do momento em que se torna uma fonte de alívio do sofrimento causado pela dor da morte (KÜBLER-ROSS, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2016). No que diz respeito à espiritualidade e ao processo de luto, destaca-se as crenças como uma forma de enfrentar essa perda, o que favorece a elaboração do luto (PEREIRA E PIREZ, 2018).

Assim como qualquer outro acontecimento, a morte é capaz de estimular emoções, as quais em sua maioria possuem algum tipo de sofrimento naqueles que permanecem vivos. No terceiro tema “sentimentos elucidados”, pode-se observar a presença destas sensações conforme as seguintes descrições:

“Dor, sofrimento, saudade...” (E 5).

“Luto é um processo que acontece após a morte de alguém próximo, o qual passa por diversas fases, como a negação de que a morte aconteceu e vem atrelada, na maioria das vezes, a muito sofrimento” (P 9).

“Passar por um momento de muita dor, vivenciar todos os sentimentos que esse momento de dor nos traz” (P 28).

“Sentimento de tristeza, de isolamento” (E29).

Para Custódio (2010), a morte se configura como sendo a perda de alguém, frente este acontecimento, naturalmente irão surgir sentimentos como forma de expressar quão significativa esta perda é para o sujeito que ficou. Estas expressões são fundamentais para o desenvolvimento do processo de luto (KOVÁCS, 2016).

Percebe-se então a necessidade de, enquanto estudantes, estes profissionais terem a oportunidade de poder falar e refletir sobre seus sentimentos, a fim de evitar possíveis consequências na vida pessoal e profissional (CUSTÓDIO, 2010). É neste sentido que uma formação acadêmica que aborde diversos aspectos em relação a temática da morte, faz-se fundamental, pois irá fornecer aos estudantes subsídios para enfrentarem suas ansiedades frente a morte e o morrer (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

O quarto tema trata justamente sobre “o papel da formação acadêmica no preparo profissional”. A maioria dos participantes (98,8%) da pesquisa reconhecem a importância de se tratar o tema morte e luto na academia, e que apesar deste ser um espaço de ensino e trocas ainda se encontra presente o tabu frente ao assunto.

"Muito importante pois é uma realidade que iremos enfrentar no nosso cotidiano, e mesmo assim não é muito discutido" (E 6).

"Muito, pois em 5 anos de curso não temos nem uma disciplina falando sobre morte e luto! E quando chegamos na prática muitas vezes não sabemos o que fazer" (E 16).

"Extremamente! A graduação deveria ter uma disciplina específica para este momento e preparar o discente, especialmente em situações que envolvem um preparo psicológico" (E 19).

"Sim, é muito importante! Como é um tema evitado em nossa cultura, reflete também em nossa preparação profissional para tratar sobre o assunto" (P 32).

Estes excertos corroboram com o que a literatura científica tem afirmado a respeito da debilidade das grades curriculares de cursos da área da saúde, de diversas instituições de ensino frente a temática da morte e do morrer. Estudos realizados com acadêmicos dos cursos ao qual esta pesquisa se propôs, confirmam a baixa presença de discussões a respeito da morte durante a graduação, e que quando ocorrem são superficiais e com um foco teórico (CUSTÓDIO, 2010; PRAXEDES, ARAUJO, NASCIMENTO, 2018).

De acordo com Carnicheli e Casarin (2018), a universidade é o ambiente mais apropriado para a criação de uma visão crítica reflexiva a respeito do processo da morte e do morrer, e como tal pode promover uma mudança na forma dos acadêmicos verem e enfrentarem a morte. Tais autores frisam a importância de que o tema seja discutido desde os primeiros semestres da graduação, com o objetivo de já ir preparando os acadêmicos para os períodos de estágio. Desta forma haveria um aprimoramento do assunto e uma desmistificação do tema na cabeça destes alunos e futuros profissionais (LÔBO E ANGHEBEM, 2014).

Percebe-se a necessidade de uma reformulação nos currículos acadêmicos, não resumindo apenas a implementação de disciplinas específicas, mas que as academias promovam a criação de espaços como seminários e eventos que possibilitem e viabilizem reflexões e discussões sobre o tema (SANTOS E FENSTERSEIFER, 2016), como é possível a partir dos projetos integradores dos cursos. Estes espaços são formas de preparar estes futuros profissionais em como lidar com as situações de morte, tanto no âmbito pessoal quanto profissional (KOVÁCS, 2016).

"Na faculdade não se fala sobre a morte, sobre como é morrer" (ARANTES, 2019, p. 27). Esta falta de espaços que permitam falar sobre o assunto na academia justifica a presença do quinto e último tema desta pesquisa o qual refere-se ao "sentir-se preparado frente a morte", sendo que, pelos dados quantitativos, 54,9% dos participantes afirmaram não se sentirem

aptos profissionalmente para enfrentar este acontecimento.

Os excertos a seguir descrevem a relação apontada pelos acadêmicos entre a importância de discutir o assunto na academia, atrelado a falta de preparo frente ao acontecimento.

“Sim, pois iremos nos deparar muito com isso em nossas vidas profissionais e precisamos saber como lidar” (E 10).

“Muito, pois em 5 anos de curso não temos nem uma disciplina falando sobre morte e luto! E quando chegamos na prática muitas vezes não sabemos o Que fazer” (E 16).

“Sim, porque não falamos muito em sobre como lidar com a morte no ambiente profissional” (P 10).

“Sim! Principalmente para nós futuros psicológicos, afinal precisamos ter um entendimento maior e saber como lidar com este assunto para poder dar o suporte necessário aos nossos pacientes. Importante até mesmo pra a vida pessoal de cada um” (P 21).

Estas descrições corroboram com o que a literatura tem apontado, quanto ao fato do profissional que lida diretamente com a morte e o luto não se sentir preparado frente estas circunstâncias, podendo desencadear um sofrimento psíquico neste indivíduo (BASTOS, QUINTANA, CARNEVALE, 2018). Isso ocorre porque apesar da morte ser ainda um grande tabu, ninguém escapa de ter que enfrentar isso em algum momento da vida, e no caso dos profissionais da área da saúde a morte faz parte do seu cotidiano (ARANTES, 2019).

A falta de conhecimento sobre os aspectos relacionados ao final da vida pode tornar a assistência a pacientes em fase terminal uma experiência apavorante para muitos profissionais (PAIVA; ALMEIDA; DAMASIO, 2014). Que, como qualquer outro ser humano, ficam abalados e sentem-se desconfortáveis frente à morte. A angústia desencadeada por este acontecimento se justifica no fato do profissional não saber como lidar com os sentimentos do outro que está próximo da morte, e por não conseguir lidar com seus próprios sentimentos (BASTOS, QUINTANA, CARNEVALE, 2018; PRAXEDES, ARAUJO, NASCIMENTO, 2018).

De acordo com Borges (2012), grande parte dos estudantes de Enfermagem apresentam condutas inadequadas ao tratarem pacientes terminais, evidenciando a escassez do estudo da morte na academia. Estudos realizados com acadêmicos de Psicologia também apontam esta dificuldade em lidar com seus sentimentos perante a morte (CARNICHELI E CASARIN, 2018).

Tais profissionais necessitam de espaços que possibilitem falar sobre seus sentimentos

e pensamentos, pois, sem essa possibilidade, tornam-se vulneráveis, e se não houver a elaboração dos seus sentimentos, facilmente adoecerão psicologicamente (KOVÁCS, 2010). Portanto uma educação para a morte que permita uma abertura em poder falar sobre os sentimentos provocados pela morte, associada a uma reflexão sobre as atitudes diante deste evento são formas de preparar estes acadêmicos e instrumentalizá-los para enfrentar estas situações vinculadas à morte (KOVÁCS, 2016).

CONCLUSÃO

De acordo com os objetivos deste estudo concluímos que a maioria dos participantes pensam a respeito da sua morte. Identificamos que a percepção dos acadêmicos diante da temática pode ter sido influenciada pelo contexto social da pandemia causada pelo vírus Covid-19, sendo que a pesquisa coincidiu com o início do isolamento social. A forma encontrada pelos acadêmicos para enfrentar a morte e o sofrimento causado pelo luto parece focar-se nas práticas religiosas e nas crenças, tornando assim o acontecimento mais natural conforme conceitualização apontada pelos mesmos.

Evidenciam a presença de sentimentos que causam algum tipo de sofrimento nos acadêmicos ao pensar sobre o evento. Estes reconhecem a necessidade de se ter um espaço na academia para se falar sobre o assunto. Os participantes afirmaram não se sentirem preparados para lidar com a morte ou o processo de luto no exercício de suas profissões, e atribuem a falta de preparo à escassez de discussões em relação ao tema durante a graduação.

Recomendamos que estes assuntos sejam incluídos nas grades curriculares destes cursos de forma mais direta e explícita, e que sejam promovidos eventos e espaços que permitam esta reflexão com o objetivo de preparar mais os acadêmicos para lidarem com a morte. Frente a abrangência do tema e as novas intercorrências causadas pelo Covid-19, sugerimos a produção e elaboração de novas pesquisas com a finalidade de sensibilizar as pessoas e os profissionais da área da saúde da importância de tratar a morte como parte natural da vida e o processo de luto como indispensável para a saúde mental da população.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BASSO, Lissia; WAINER, Ricardo. **Luto e perdas repentinas**: Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. Rev. Bras. Terap. Cogn., São Paulo, v. 7, n°. 1, Jan/ Jun, 2011. Disponível em: <http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=138>. Acesso em 04 de mar. 2020.

ZRSNS. Rodrigo Almeida; QUINTANA, Alberto Manuel; CARNEVALE, Franco. **Angústias psicológicas vivenciadas por enfermeiros no trabalho com pacientes em processo de morte: estudo clínico-qualitativo.** Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 26, n. 2, p. 795-805, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 de abr. 2020.

BENEDETTI, Gabriella Michel dos Santos *et al.* **Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de Enfermagem.** Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 173-179, Mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de mar. 2020.

BIFULCO, Vera Anita; CAPONERO Ricardo. **Cuidados paliativos: conversas sobre a vida e a morte na saúde.** São Paulo: Minha editora, 2016.

BORGES, Mayana dos Santos. **O despreparo dos graduandos em Enfermagem refletindo na falta de capacitação dos profissionais de Enfermagem sobre o tema morte.** Rev. Escola de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/saude/o-despreparo-dos-graduandos-enfermagem.htm>>. Acesso em 01 de abr. 2020.

BOWLBY, John. **Uma Base Segura.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 1989.

BRASILEIRO, Marislei Espíndula; BRASILEIRO, Jenucy Espíndula. **O medo da morte enquanto mal: uma reflexão prática da Enfermagem.** Rev. Ciências Médicas. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 77-92, Maio 2017. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/3582/2516>>. Acesso em 05 de mai. 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology** [Usando análise temática em Psicologia]. Q. n.2, 77-101, 2006. editora, 2016.

BRAZ, Mariana Sarkis; FRANCO, Maria Helena Pereira. **Profissionais Paliativas e suas contribuições na prevenção de luto complicado.** Psicol. Cienc. prof., Brasília, v.37, n.1, p. 90-105, Jan. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000100090&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de mar. 2020.

CARNICHELI, Elaine Kezen R. Nogueira; CASARIN G. Roberson. **O Acadêmico de Psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação.** FAEME, v. 9, n. 1,

jan/jun, 2018. Disponível em: < <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/516>>. Acesso em 20 de abr. 2020.

CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* **Terminalidade, morte e luto na pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas.** *Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 37, e200090, 2020.* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508&lng=en&nrm=iso> . Acesso em 04 de abr. 2020.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: Métodos** Qualitativo, Quantitativo e Misto; Tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 296 páginas, 2010.

CUSTÓDIO, Misael R. de Martins. **O Processo de Morte e Morrer no Enfoque dos Acadêmicos de Enfermagem.** *Rev. Psicol. São Paulo, v. 13, n. 18, 2010.* Disponível em: < <https://revista.pgsskroton.com/index.php/renc/article/view/2538/0>>. Acesso em 23 de jun. 2020.

ESCUDEIRO, Aroldo. **A morte como condição humana.** Blumenau: 3 de Maio, 2015.

BS. Maria Julia. **Curso Psicologia da Morte: Educação para a morte em ação.** *Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 36, n. 91, p. 400-417, jul. 2016.* Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 de ago. 2020.

KOVÁCS, Maria Julia. **Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional.** *Rev. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 420-429, Agost. 2010.* Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/79/420.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2020.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes.** 10.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, Maria Juliana Vieira. **Uma escuta ética do cuidado na morte e no morrer.** Fortaleza: EdUECE, 2019.

LÔBO, Clariane Ramos; ANGHEBEM, Nara Araújo. **A morte e o morrer: análise e percepção dos acadêmicos de Enfermagem.** *Rev. Medic. Saúde de Brasília, v. 3, n. 2, 2014.* Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/4746>>. Acesso em 20 de ago. 2020.

MANNIX, kathryn. **Precisamos falar sobre a morte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

OLIVEIRA, Edjaclécio Silva *et al.* **O processo de morte e morrer na percepção de acadêmicos de Enfermagem**. Rev Enfermagem UFPE online., Recife, v. 10, n.5, p.1709-1716, maio. 2016. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-29654>>. Acesso em 24 de abr. 2020.

PAIVA, Fabianne Christine Lopes de; ALMEIDA JUNIOR, José Jailson de; DAMASIO, Anne Christine. **Ética em cuidados paliativos: concepções sobre o fim da vida**. Rev. Bioét., Brasília, v. 22, n. 3, p. 550-560, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000300019 &lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de ago. 2020.

PEREIRA, Silva Maria; PIREZ, Eliana Ferrante. **As experiências de perdas e luto na Contemporaneidade: Um estudo Bibliográfico**. Rev. Educ., v. 13, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2837>>. Acesso em 16 de ago. 2020.

PRAXEDES, Antônia Marília; ARAUJO, Janieiry Lima de; NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme do. **A morte e o morrer no processo de formação do enfermeiro**. Psic., Saúde & Doenças, Lisboa, v. 19, n. 2, p. 369-376, ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862018000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 de ago. 2020.

SANTOS, Thais Cristina Fagundes dos; FENSTERSEIFER, Liza. **Educação para a morte na formação do psicólogo da PUC Minas São Gabriel**. Rev. Grad. Psic. Da PUC Minas, v. 1, n. 1, nov. 2016. Disponível em:< <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/1359>>. Acesos em 24 de mai. 2020.

SILVA, Carine dos Reis *et al.* **Religião e Morte: qual a relação existente?** Rev. Enferm. Contemp., Salvador, v. 1, n. 1, p. 130-141, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.bahiana.edu.br/revistas>>. Acesso em 10 de ago. 2020.

VAZ, Paulo. **Os tempos da pandemia**. 2020. Disponível em : <<https://ufrj.br/noticia/2020/03/27/artigo-os-tempos-da-pandemia>>. Acesso em 25 de jun. 2020.

WAHL-JORGENSEN, Karin. **Coronavírus: a mídia muitas vezes alimenta 1 medo desnecessário**. Mar. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/nieman/coronavirus-a-midia-muitas-vezes-alimenta-1-medo-desnecessario/>>. Acesso em 10 de ago. 2020.